



SETEMBRO 1999

Qualquer que fosse o risco,  
ela queria...

# Vida para Austin

Por BARBARA SANDE DIMMITT

**D**ESDE O PRIMEIRO encontro numa academia de ginástica no norte da Califórnia, Angela Gallerani, esbelta e de cabelos avermelhados, e Richard Rosette, alto e moreno, entenderam-se perfeitamente. Conversaram sobre trabalho – o dela, numa companhia de seguros, e o dele, num lar para meninos desajustados. Com o tempo, passaram naturalmente a falar sobre filhos.

– Eu quero três – disse Rich, então com 26 anos.

– Sempre quis dois meninos e uma menina – respondeu Angela, com 24 anos na época.

– Isso mesmo, e a menina seria a caçula – disse ele, sorrindo.

O namoro foi tranqüilo, e as famílias logo reconheceram neles “um par perfeito”. A mãe de Rich, Helen, chamava o casal de “Queijo e Presunto”, pois sempre os via *coladinhos*. Quando



**Par Perfeito-**  
Angela e  
Richard  
entenderam-se  
desde o primeiro  
encontro.



## Para Angela e Rich, o sonho de ter vários filhos parecia estar vindo abaixo com as folhas de outono.

Angela arranhou um emprego em Los Angeles, Rich mudou-se para lá também.

Casaram-se em 26 de setembro de 1992 e pouco depois Angela engravidou. No entanto, teve um aborto. Cerca de um ano depois, um segundo aborto a deixou arrasada emocionalmente. “Tem gente que não pode ter filhos”, disse a Rich. “Talvez seja esse o nosso caso.”

Em agosto de 1996, Angela descobriu que estava novamente grávida. Mas a euforia dos dois se transformou em preocupação quando ela começou a apresentar sangramento. Depois de um ultra-som, foi encaminhada a um especialista. Em repouso absoluto até a consulta, ficava sentada no sofá da casa, observando as árvores lá fora se inclinarem e balançarem com o vento. Seu sonho de ter filhos parecia estar vindo abaixo com as folhas de outono.

**E**M 21 DE OUTUBRO, O Dr. Waheed Doany recebeu os Rosses em seu consultório. Levou 45 minutos para concluir outro ultra-som detalhado do útero de Angela. As notícias não eram boas.

– Bem perto de um corte de placenta normal, há uma ampla área de tecido de aspecto cístico, a que chamamos de mola hidatiforme – disse Doany, mostrando-lhes fotos num livro. – Não sabemos como se for-

ma; no entanto, pode trazer sérias complicações à gravidez e transformar-se num tumor maligno. Mesmo quando é retirado, existe um pequeno risco de câncer.

– O bebê está bem? – interrompeu Angela.

– Precisaremos fazer uma amniocentese para ter certeza – respondeu o médico. Em seguida, explicou que, se o feto estivesse na mesma placenta em que estava o tumor, apresentaria graves anormalidades nos cromossomos e morreria antes ou na hora do parto. A outra possibilidade seria feto e placenta saudáveis, coexistindo com um saco separado de células em crescimento descontrolado.

Angela chorava baixinho e Doany percebeu os músculos da mandíbula de Rich se retesarem. Infelizmente, precisavam ouvir ainda mais. O médico começou a descrever os detalhes funestos, os vários riscos que corriam.

– Não se pode simplesmente remover o tumor? – perguntou Angela.

– Não sem interromper a gravidez – respondeu Doany. – Mas, por causa dos riscos a longo e a curto prazo para a mãe, e o prognóstico ruim para o feto, a interrupção é mesmo a conduta recomendada.

Rich pigarreou.

– Se Angela fosse sua irmã, o que o senhor faria?

– Não gosto de responder a perguntas pessoais como esta – disse

Doany. – Mas, por razões egoístas, não iria querer que minha irmã colocasse a vida em risco. – E continuou: – É preciso que saibam que minha paciente é Angela. O bebê é meu paciente num nível secundário. Meu papel é apresentar as opções a vocês. Qualquer que seja sua decisão, farei o melhor que puder.

**O** TIMISTA E FRANCA, Angela estava habituada a tomar decisões com rapidez. Já tinha até escolhido o nome para o bebê: Austin. Nessa noite, porém, só conseguia lembrar-se de fotografias assustadoras, estatísticas sombrias e da palavra *interrupção*. Rezou, não por um desfecho específico, mas para ter a coragem de aceitar o que viesse. De manhã, sentia-se firme na situação emocional mais difícil que já enfrentara. Quando Rich chegou do trabalho, Angela anunciou:

– Decidi que quero ficar com o bebê, aconteça o que acontecer.

Apanhado de surpresa, Rich perguntou:

– Por que não espera o resultado da amniocentese para tomar essa decisão?

– Não é preciso – disse Angela. – Se Austin morrer, será por decisão de Deus, não por minha.

O brilho sintomático em seu olhar não deixava dúvida. Mas Rich não suportaria perder Angela.

– Não vamos precipitar as conclusões sem dispormos de mais fatos – insistiu.

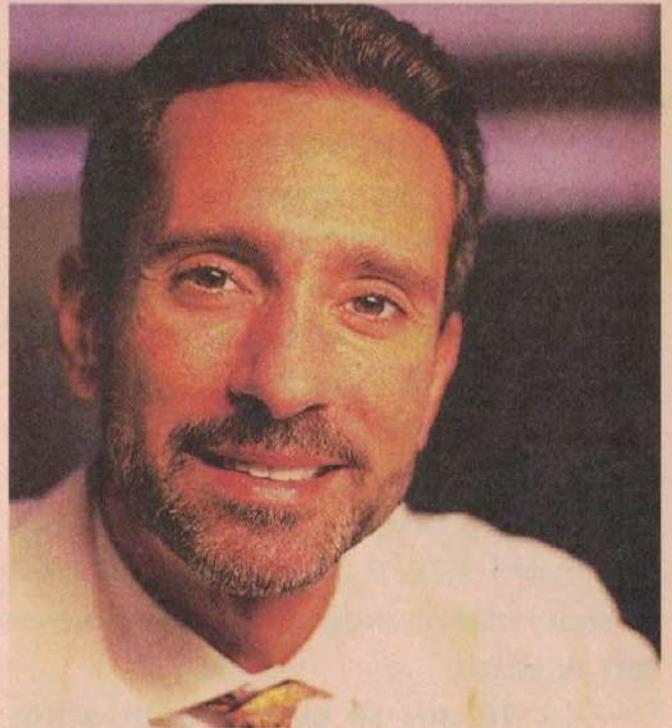
Vendo que ela parecia inflexível,

ocorreu-lhe que amar Angela poderia significar deixá-la assumir o risco.

– OK – disse ele, por fim. – Vamos tentar.

Angela informou Doany de seus planos.

– Você está consciente do caminho árduo que vai ter pela frente? – perguntou o médico.



**Médico Dedicado**– Waleed Doany deu o melhor de si.

– Estou – respondeu ela, com firmeza.

O Dr. Doany ergueu as sobrancelhas por um instante e depois assentiu.

A amniocentese confirmou a segunda das duas possibilidades: o tumor e o feto, separados, apenas coexistiam no útero. O bebê não apresentava sinais de anormalidade nos cromossomos. O alívio dos Rosettes foi tão grande que nem mesmo a insistência do Dr. Doany em detalhar

## O Dr. Doany informou ao casal que, se os sinais de toxemia se agravassem, **teria de retirar o feto.**

os obstáculos à frente conseguiu diminuir-lo.

– Quero vê-la a cada três semanas – disse o médico.

Angela estava na 18ª semana. A gestação normal dura, em média, 40 semanas.

No intervalo entre as consultas com o Dr. Doany, os temores de Angela se atenuavam. Invariavelmente, porém, as conversas com o especialista a deixavam insegura.

– Eu odeio esse homem! – afirmou ela um dia, depois de uma consulta com Doany, que ela agora chamava de Dr. Desgraça. – Sempre que venho aqui, ele encontra mais um problema. Às vezes acho que está mais interessado no tumor do que em Austin!

– O doutor só está tentando nos mostrar os fatos, Angela – observou Rich. Mas para ele também as consultas eram traumáticas.

Em 21 de janeiro de 1997, Angela foi internada no Centro Médico Regional de Encino-Tarzana com sinais de toxemia: pressão alta e retenção de líquido nas pernas. Doany prescreveu uma injeção de esteróides para acelerar a maturação dos pulmões de Austin, ainda não totalmente desenvolvidos, e começou a administrar medicamentos a fim de impedir o parto prematuro e proteger Angela de uma cascata de ocorrências potencialmente fatais, entre

as quais convulsões e insuficiências hepática e cardíaca.

Doany informou ao casal que, se os sinais de toxemia se agravassem, teria de retirar o feto.

– Tinha esperanças de que a toxemia só aparecesse depois de 26 semanas – disse ele.

Para garantir que entendiam o motivo, mostrou ao casal um gráfico representando as possibilidades de problemas respiratórios, neurológicos e digestivos em bebês prematuros, a cada semana de gestação. Dois dias depois, com Angela cansada e inchada, Rich foi em casa buscar alguns objetos. Pouco antes de retornar ao hospital, ligou para ela.

– Você tem de voltar imediatamente – disse Angela. – Há algo errado acontecendo.

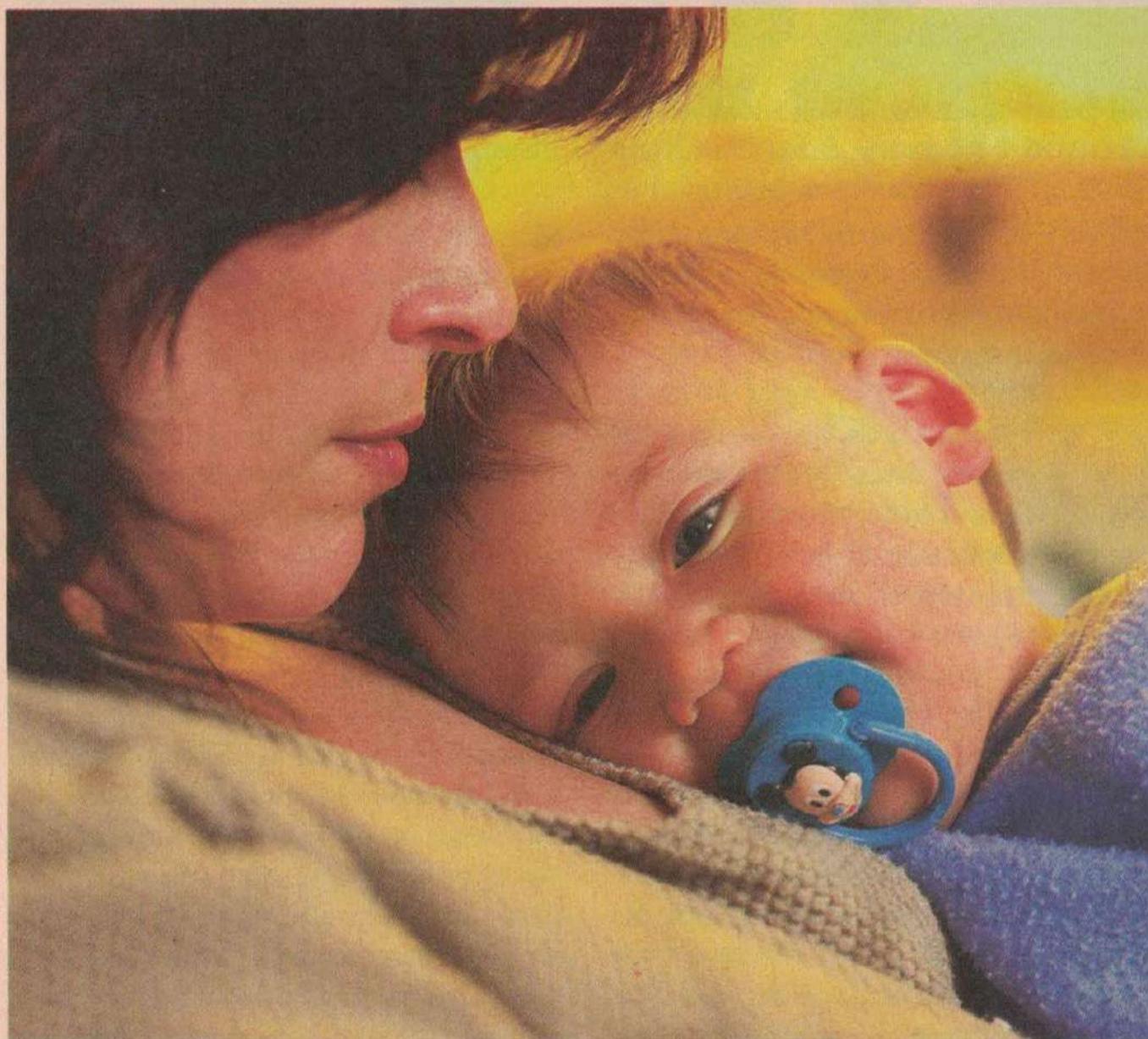
No posto de enfermagem, o Dr. Doany estava fazendo anotações no prontuário de Angela. Perguntava-se o que teria causado o súbito aumento na retenção de líquido e as dificuldades respiratórias da paciente. Outros especialistas não tinham encontrado respostas objetivas. O Dr. Doany reexaminou as possibilidades – de líquido nos pulmões decorrente da toxemia, até insuficiência cardíaca induzida pelos hormônios estimulantes da tireóide produzidos pelo tumor, passando por pneumonia e por um coá-

gulo sangüíneo no pulmão provocado pelo repouso absoluto.

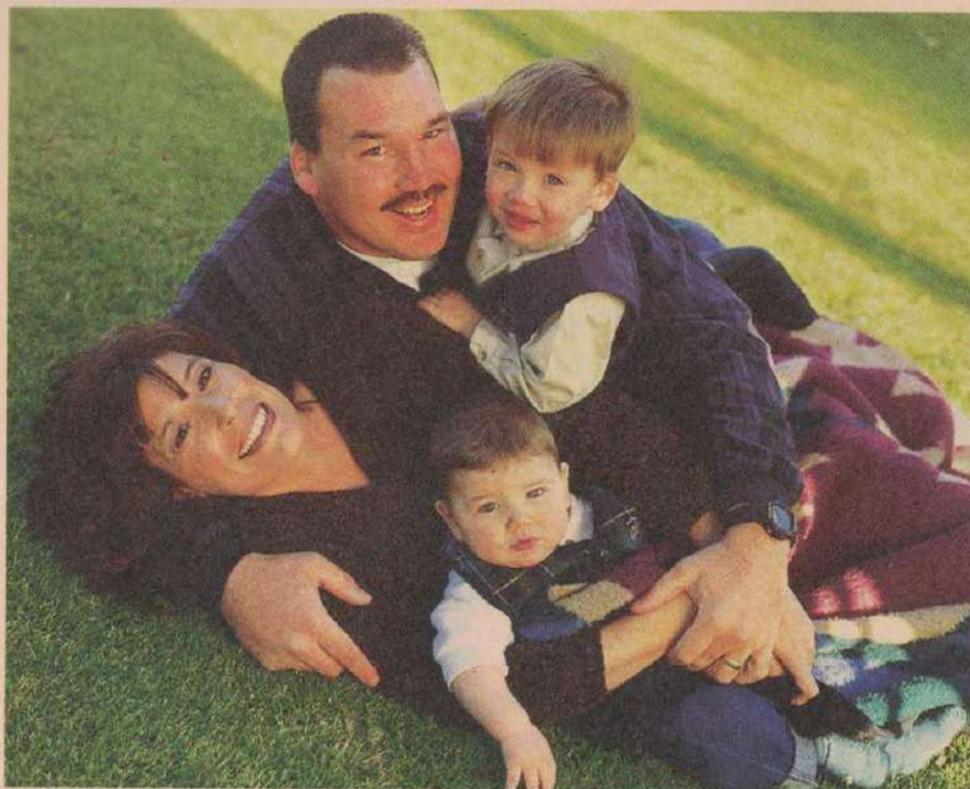
Se fosse uma toxemia grave, o feto teria de ser retirado imediatamente. O médico calculou que 19 em cada 20 especialistas em gestação de alto risco optariam por essa conduta agora. Mas, se a toxemia não fosse a culpada, talvez conseguisse tratar o problema e ganhar mais tempo para Angela. Era o tipo de desafio diagnóstico que atraía Doany para o campo da obstetrícia de alto risco. Naquele

exato momento, porém, gostaria de ter também uma bola de cristal.

Estaria sendo irresponsável em adiar? Já testemunhara os sombrios desdobramentos de muitos nascimentos prematuros – crianças com doenças pulmonares crônicas, cegueira, paralisia cerebral e deficiências irreparáveis. Explicou a situação aos Rosettes, que concordaram em aguardar algumas horas, enquanto ele tentava várias medicações. Se o estado de Angela não melhorasse,



**Mãe Determinada**– Angela, num momento tranquilo com o filho.



**Círculo de Amor**— A família Rosette hoje.

teria de fazer o parto rapidamente. Doany olhou para o rosto de Angela, inchado feito uma lua. Aquela seria uma longa noite.

**O**S PONTEIROS do relógio faziam uma lenta pirueta após a outra, enquanto Rich e outros membros da família esperavam. Finalmente, decidiram pedir algo para comer. Estavam aguardando na sala de espera, quando Rich viu o Dr. Doany.

Naquele dia o médico parecera mais insensível do que nunca, mas Rich não conseguia deixar de se impressionar com o conhecimento e a diligência do homem. Num impulso, chamou-o:

— Ei, quer um pedaço de *pizza*?

O médico parou e respondeu:

— Claro.

Logo estavam conversando. Doany falou da família; era evidente, pela forma como seu olhar se abrandava ao mencionar a irmã, que era muito ligado a ela. *Angela não vai acreditar*, pensou Rich. *O Dr. Desgraça abrindo o coração comigo*.

— Como está Angela? — perguntou Rich.

— Estamos assistindo a uma luta entre Angela e o bebê. Estou forçando o equilíbrio ao máximo — reconheceu Doany. — A solu-

ção mais fácil seria antecipar o parto. Mas estou tentando chegar a um ponto onde o bebê tenha melhores chances. No entanto, um bebê sem a mãe não adianta e, por isso, não vamos trocar uma vida pela outra.

*Ele estava o tempo todo ao nosso lado; só não tínhamos percebido ainda*, pensou Rich. *Em termos de coragem e determinação, acho que Angela encontrou alguém à sua altura*.

Nos dias que se seguiram, a situação de Angela se estabilizou. Nesse ínterim, ela também mudou de opinião sobre o médico. Ele a visitava várias vezes ao dia e era comum ela ouvir as enfermeiras, ao telefone, mantendo-o informado. Não havia dúvida quanto às suas boas intenções.

— Eu chorava toda vez que ia ao seu consultório — confessou Angela.

— Eu o odiava.

– Eu compreendo – disse ele gentilmente.

Angela considerou a resposta como aceitação de sua retratação muda. Tinham medido forças e agora davam o jogo como empatado.

Durante as lentas semanas de espera, à medida que a relação do trio ia ficando mais calorosa, o humor ajudava-os a manter o medo sob controle.

– Mal posso esperar que você tenha esse bebê para eu poder dormir – brincava o médico. – Passo o tempo todo acordado, pesquisando e pensando em seu caso.

Finalmente, em 13 de fevereiro, os exames mostraram que o crescimento do bebê estava mais lento. A toxemia estava levando a melhor.

– Vamos deixar você entrar em trabalho de parto agora – informou Doany.

Rich e Angela apertaram-se as mãos nervosamente.

– Nunca vi um batimento cardíaco tão forte num bebê que já sofreu tanto – disse Doany.

Dito isto, uma nova contração fez com que a frequência cardíaca de Austin caísse. Angela viu Doany arregalar os olhos.

– Não há dúvida de que ele herdou sua personalidade, Angela. Está querendo provar que estou errado! – disse Doany.

Às 23h44, pesando 1,219 quilo, Austin Emanuel Rosette deslizou para as mãos acolhedoras do Dr. Doany. Quase de imediato, Angela ouviu um tênue choro, como o miado de um gatinho. Rich estava rindo.

– Você precisa vê-lo! – exclamou. – Está se esgoelando!

O Dr. Doany levou cerca de 25 minutos para remover o tumor que, afinal, era benigno. Depois Angela estendeu a mão para o médico.

– Agora o senhor faz parte de nossa vida para sempre – disse ela. – Acaba de virar tio.

Seis dias depois do nascimento de Austin, no 31º aniversário de Angela, o casal segurou o filho pela primeira vez. O punho do bebê era tão fino que a aliança de Rich cabia nele.

A enfermeira colocou Austin sobre o peito nu de Angela e abotoou a camisola frouxa em torno de seus corpos. Para espanto da mãe, o bebê levantou a cabeça de cabelos escuros e se virou para o outro lado. Em seguida, deu um suspiro de satisfação.

– Ah, Rich! – exclamou Angela, olhando para o marido com olhos brilhantes. – Este é o melhor presente de aniversário que já ganhei.

Pele sobre pele, vida sobre vida, um futuro promissor diante deles, ficaram ali, com Angela sentindo a pulsação regular do coração de Austin respondendo ao seu.

*Os Rosettes presentearam “tio” Walleed Doany com uma placa de agradecimento. Nela, há uma fotografia do médico segurando o “sobrinho” recém-nascido, que vem se desenvolvendo normalmente. Em 8 de maio de 1998, Angela deu à luz seu segundo filho, Aaric Bryan, após uma gravidez sem contratempos.*

\*\*\*